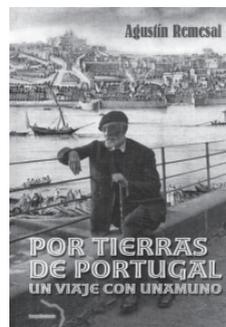


## *Por Tierras de Portugal. Un viaje con Unamuno*

AGUSTÍN REMESAL

Salamanca, La Raya Quebrada, 2013, 396 p.



### **Por terras de Portugal, com Miguel de Unamuno e Agustín Remesal**

Numa carta dirigida a Teixeira de Pascoaes, afirmava Unamuno: «Mais vale morrer de ver a verdade que viver num mundo de mentira». Ora, o problema da vida humana remete-nos para o problema da personalidade. *Persona*, em latim, é o acto da tragédia ou da comédia. A personalidade é a obra e é na história que se cumpre. Para Unamuno, as coisas não têm história, só as pessoas a têm. Sendo assim, a *persona* é o actor, o que faz o papel. Mas o que faz um homem é o que ele é. É o que acontece com um povo e a sua personalidade colectiva. É nessa base, a que Unamuno designou de intra-histórica (não são os grandes acontecimentos que importam, mas o que nos é revelado pela paisagem física, pela arte, a vida quotidiana das classes mais baixas, do povo alheio às grandes transformações do nosso tempo) que nos é revelada a identidade e se vai forjando a nossa personalidade.

Por ter vivido pela força das suas intuições, Unamuno traz-nos à autenticidade do viver, chama-nos ao nosso próprio destino. Luta quixotesicamente em defesa da Vida, porque não a compreende, sente-a.

Ora, é nessa tradição unamuniana do «sinto, logo existo» que Agustín Remesal, meu ilustre amigo e distinto jornalista, cidadão do mundo, se revê, e pela qual procurou nas mais ínfimas partículas do nosso ser, a eternidade intra-histórica de um povo que ainda existe, ou resiste (quero acreditar!) à invasão tecnocrática do mundo anglo-saxónico, à tirania das finanças, a essa nova barbárie detentora da técnica, mas ignorante do espírito, incapaz de sentir

que *só é verdadeiro o que é eterno*, como diria Pascoaes, amigo e admirador confesso do reitor de Salamanca.

«Intenso e apaixonado», para utilizar uma expressão de José Bento – em boa hora tradutor para português de «Por tierras de Portugal y de Espanha» –, Agustín Remesal ajuda-nos a desocultar, nesta sua obra, o que de melhor se tem produzido no género de literatura de viagens, muito do que somos das nossas idiossincrasias, sem nunca resvalar para o elogio fácil ou para a crítica infundamentada, cumprindo a História como suprema ficção, expressão tão ao gosto de Eduardo Lourenço.

Percorre o hoje, sem nunca perder de vista Unamuno, as suas pegadas, o que de Portugal foi permanecendo e se modernizou, e mais aquelas marcas delidas que são pergaminhos ignorados pelas multidões de turistas que, seguindo o olhar profissional do guia, se contentam com o saber massificado, reproduzidor de verdades catalogadas.

Pascoaes terá afirmado um dia que «Em Portugal o que existe é o povo e os seus poetas, o resto é carne morta». Remesal vai por aí, procurando no tempo que lhe calhou viver, essas marcas identitárias de um outro tempo, finisseculares, e que hoje reganham sentido quando voltamos a ler Junqueiro, amigo dos maiores de Unamuno: «Alma! eis o que nos falta. Porque uma nação não é uma tenda, nem um orçamento uma bíblia. Ninguém diz: a pátria do comerciante Araújo, do capitalista Seixas, do banqueiro Burnay. Diz-se a pátria de Herculano, de Camilo, de Antero, de João de Deus [...] Falir um banco, que desastre! Falir uma alma... – Mas que demónio é isto de falir uma alma?». Talvez por assim o haver sentido, Agustín tenha escolhido colocar na boca de Junqueiro esta afirmação em resposta a um comentário de Unamuno proferido numa das suas visitas à Quinta da Batoca, em Barca d'Alva: «– Agora chamam-me anarquista, porque em Portugal ser patriota equivale a ser poeta – um filósofo, um sociólogo, pode não ser patriota, mas um poeta, se não sente o que o rodeia mais do que o abstracto, não é poeta.» (p. 188/189).

Com alma de poeta, Remesal inicia a sua viagem em busca da alma portuguesa, entre esse povo alheio às grandes transformações do nosso tempo, intuindo exemplarmente que, sem dimensão poética, Portugal será muito mais pequeno para o mundo do que o é na realidade.

*Mas que demónio é isto de falir uma alma?*

Uma viagem é sempre limitada pelos objectivos que a determinam – a procura do pitoresco, do religioso, do moderno, da arquitectura, do património

natural. É sempre um factor enriquecedor da nossa identidade, quando é feita com o verdadeiro objectivo de conhecer, descobrir, desocultar, como Unamuno o deixa bem patente em «Por tierras de Portugal y de Espanha». Esta obra foi publicada em Madrid, no ano de 1911, com textos compilados do Diário «La Nación», de Buenos Aires, e do diário madrilenho «Los Lunes del Imparcial». Mas já em carta datada de 28 de Outubro de 1908, de Espinho, o seu amigo Manuel Laranjeira se congratulara com a notícia de que o reitor preparava um livro sobre Portugal: «Não imagina o prazer que senti ao saber que V., espírito superior, andava a compor um livro sobre as coisas da minha terra, desta minha tão desgraçada terra de Portugal.» (*Cartas Relógio d'Água*, 1990: 118). Deste livro consta um conjunto de reflexões históricas e antropológicas, coexistindo a paisagem com a crítica literária, e referências a escritores portugueses, com comentários próprios de livros de viagem.

Agustín Remesal também não descarta esses campos, mas privilegia, sobretudo, a componente de viagem, assim como as referências a escritores. Não lhe cabe, aqui, neste seu livro, fazer crítica literária. Estamos na presença de um autor que valoriza a vertente do jornalismo de investigação e a de viajero impenitente.

Nesta obra, dá-se um cruzamento de experiências potenciadas pelas vividas pelo reitor de Salamanca e continuadas pelo autor que, na pegada do poeta basco, as enriquece com o seu olhar sensível e culto. Ela ganha, assim, uma modernidade que nos faz comungar, apaixonadamente, com o texto ficcional.

Desrespeitando, e muito bem, a ordem dos textos inseridos na obra já referenciada de Unamuno, Remesal abre a sua viagem literária com uma visita a Barca d'Alva, pela estação de Frejeneda, abandonada, segundo informação do autor, desde o ano de 1985. Esta terá sido a primeira viagem de Unamuno a Portugal, à Quinta da Batoca, do senhor Poeta seu amigo, Guerra Junqueiro. O viajero calcorreia os lugares por onde os dois poetas terão andado e, ao chegar à estação, agora esventrada da sua utilidade, conclui: «Aqui debe habitar la saudade en estado puro».

Nesta sucessão de viagens e encontros, o autor ficciona, a partir dos dados recolhidos, as situações vividas por Unamuno, e que nos dão uma visão mais sensível do temperamento do poeta basco. Assim como do ambiente social da época. E consegue-o plenamente:

– O Porto burguês, liberal e cosmopolita, o da Livraria Chardon (hoje Livraria Lello); o dos azulejos patrióticos da Estação de S. Bento; o do Clube dos Feneanos, cuja actividade principal conhecida, segundo Junqueiro, era organizar carnavais e festas populares; o Porto republicano do 31 de Janeiro

e de Sampaio Bruno; a cidade do famoso vinho do Porto e suas adegas, liberal de alma e à qual D. Pedro, o rei libertador, ofereceu em testamento o coração.

– A Coimbra universitária e amorosa, a da Quinta das Lágrimas e sua Fonte dos Amores, a de Pedro e Inês; a da Biblioteca Joanina e da Sé Velha; a do livreiro França Amado e do poeta Eugénio de Castro; a da Igreja de Santa Cruz, onde repousam os restos mortais do primeiro rei de Portugal. A Coimbra dos estudantes, a das praxes e a libertária; a da Queima das Fitas e a de Miguel Torga; a das fogueiras de S. João; a do Largo do Castelo; a do Largo da Portagem e do Arco de Almedina; a dos salatinas e a dos doutores; a de Manuel da Silva Gaio. A Coimbra dos pastéis de Santa Clara, das queijadas de Pereira e de Tentúgal, das arrufadas e das barrigas de freira. A Coimbra de Santa Clara a Velha; a do Mondego, dos fados e das baladas líricas e tristes.

– A Amarante bucólica e romântica; a da «sombra pacífica dos montes...», a de Pascoaes, a do rio Tâmega; a da «Santa Janela», frente ao Marão; a das pedras de granito; a do pão de ló e das fatias douradas comidas na pastelaria do Largo de Santa Clara.

– Braga, episcopal e milagreira, mas onde Unamuno não vê padres nem freiras, e onde Garrett só os vê como indispensáveis elementos decorativos; mais a Rua dos Capelistas junto ao velho castelo; a cidade da pobreza e da fome, mas onde também o nosso viajero descobre o Palácio Episcopal, hoje Universidade, o café A Brasileira e o Nova Brasileira, frequentados, respectivamente, por oposicionistas e situacionistas do regime de Salazar. Mas é, sobretudo, na montanha, é lá que se alcança a religiosidade «deste povo sonhador e pitoresco» (p. 235), subindo ao Santuário do Bom Jesus do Monte. E é lá, também, onde o espírito se eleva, que a fome biológica pede uma alheira com grelos, um vinho verde confeccionados e servidos por freiras num restaurante mesmo ali ao pé.

– A Guarda, gélida e vigilante, sem palácios nem museus como as grandes cidades, mas com muitos *vazios e silêncios...* e carnes e queijos e morcelas aromáticas. Aqui todos têm frio, até as pedras. Cidade que não consta entre os dezassete destinos turísticos recomendados pela propaganda nacional do tempo de Unamuno. Mas o nosso viajero descobre entre estas pedras graníticas uma velha terra de judeus, uma rua Miguel de Unamuno e uma casa maçónica, junto à Torre dos Ferreiros.

– Alcobaça, perdida no mosteiro simbólico do amor ibérico, protagonista de uma história trágico-erótica que reina depois da morte. O romance de um português por uma castelhana que protagonizou esse excesso ibérico, o do amor.

– Espinho, atlântico e trágico, de Manuel Laranjeira, o do velho Café Peninsular e do Café Chinês frequentado pelo médico de Vila da Feira (esquina oposta do Hotel Bragança), onde Unamuno terá, nesse mesmo café, confessado ao seu amigo a importância da sua ajuda para a compreensão da alma portuguesa; onde a colónia balnear espanhola elogia em público a tradição da cozinha portuguesa, e a detesta em privado. «Sardinhas, sardinhas a um euro o quilo!» apregoa uma varina. O viajero sente que está em Portugal.

– A Figueira da Foz dos banhistas espanhóis e das praias desertas, onde Unamuno assiste à Procissão do Mar, em que, engalanados, desfilam os barcos de pesca até junto à ermida onde vive a santa protectora. São os pescadores de Buarcos a honrar Santa Bárbara, virgem e mártir. A Figueira do professor Joaquim de Carvalho (futuro mestre de Eduardo Lourenço); o mar da Figueira que nos dá sardinha, raia, pescada, faneca, rodovalho, linguado... A Figueira onde Unamuno, no mês de Julho de 2014, a convite do então presidente da câmara, proferiu a conferência sobre a literatura e as línguas portuguesa e castelhana. Diz Agustín Remesal que nesse verão longínquo de 14, o reitor de Salamanca ter-se-á aí encontrado com o Presidente Manuel de Arriaga. Iniciava a Grande Guerra a sua marcha e cobria a Europa de sofrimento e de luto.

– E, finalmente, a Lisboa, capital do Império onde, a convite do Secretariado Nacional de Propaganda, chefiado pelo intelectual António Ferro, Unamuno e uma numerosa embaixada de escritores europeus se passeiam pelo país. Vinte anos após a sua partida da Figueira da Foz, o reitor de Salamanca regressa à pátria de Guerra Junqueiro. Após um exílio forçado de seis anos da sua Espanha, contestando Primo de Rivera, o velho mocho de Salamanca parecia agora transigir, cansado das lutas que haviam preenchido toda a sua vida. A força guerreira de Unamuno, capaz de desafiar todos os poderes estabelecidos, teria chegado ao fim?

Por todas estas terras portuguesas, o nosso autor procura aconchegar-se à sombra de Unamuno. E acha-a, às vezes, no tempo de hoje. Outras, só a vislumbra incarnada nos escritos que deixou.

Palpitante, o nosso tempo, quantas vezes desmemoriado, indiferente às lições do passado e céptico quanto ao futuro, observa, sorrindo, o afano com que estes prescrutadores da alma o confrontam consigo mesmo.

Já em «Por tierras de Portugal y de Espanha», Unamuno havia afirmado que a apatia que caracteriza o povo português está ligada ao seu pessimismo. Será? E mais acrescenta, que os espanhóis têm mais fé em si próprios, não

acreditando em milagres, enquanto os portugueses esperam por D. Sebastião «rey del mistério».

As opiniões manifestadas por Unamuno muito serviram para nos confrontarmos com este nosso fatalismo atávico. «Un pueblo suicida» e onde, até a sua literatura, «comica y jucosa, es una literatura triste.

Portugal es un pueblo de suicidas, tal vez un pueblo suicida. La vida no tiene para el sentido transcendente. Quieren vivir tal vez, si, para qué? Vale más no vivir.» (p. 164).

A propósito de uma carta recebida de Portugal, do seu amigo Manuel Laranjeira, Unamuno homenageia as figuras de algumas das personalidades maiores da *arte de ser português*, citando-a: «O pessimismo suicida de Antero de Quental, de Soares dos Reis, de Camilo, mesmo do próprio Alexandre Herculano (que se suicidou pelo isolamento como os monges) não são flores negras e artificiais do decadentismo literário. Essas estranhas figuras de trágica desesperação, irrompem espontaneamente, como árvores envenenadas do seio da terra portuguesa. São nossas: são portuguesas: pagaram por todos: expiaram a desgraça de todos nós. Dir-se-ia que foi uma raça que se suicidou.

Em Portugal chegou-se a este princípio de filosofia desesperada – o suicídio é um recurso nobre, é uma espécie de redenção moral. Neste malfadado país, tudo o que é nobre suicida-se; tudo o que é canalha triunfa.» (p. 164).

Poucos escritores contemporâneos terão estado tão intimamente ligados a Portugal como o basco Miguel de Unamuno. A sua obsessão por descobrir a essência de Espanha, a sua alma, tê-lo-á levado a conhecer tão profundamente Portugal. Manifesta um universalizante sentimento de autoctonia na sua relação com a identidade cultural portuguesa e o seu sentimento de independência.

Muitos foram os escritores portugueses que marcaram a sensibilidade estética de Unamuno: Camões, Garrett, Camilo, João de Deus, Herculano, Eça, Antero, Oliveira Martins, Junqueiro, Pascoaes mas, apesar da profunda amizade que o uniu a Junqueiro, sinto, após a leitura deste belíssimo livro, que foram Manuel Laranjeira e Eugénio de Castro aqueles que, de forma mais vincada, balizaram a sua visão de Portugal. O primeiro, Laranjeira, ao condicionar definitivamente a sua visão trágica, suicida, de Portugal. O segundo, muito à custa de uma amabilidade sem limites, que soube cultivar para com Unamuno, uma dedicação resultante da sua sensibilidade poética que ansiava pela erudição capaz de o entender, a sua condição de académico – era professor catedrático da Universidade de Coimbra –, distinguido com o doutoramento *honoris causa* pela Universidade de Salamanca (por proposta de Unamuno). Estes factores

terão concorrido para um franco entendimento entre estes dois vultos da cultura peninsular, apesar de terem sido personalidades completamente distintas.

E, por tudo isto, me parece bem que Agustín Remesal tenha tido a inteligência poética de encerrar a sua obra com um diálogo muito particular entre Eugénio de Castro e Unamuno, hipoteticamente acontecido no mês de Junho do ano de 35, na deslocação do reitor de Salamanca a Coimbra, integrado na embaixada de escritores que visitaram Portugal a convite do governo de Salazar. Este escapa-se ao convívio dos seus colegas de romagem e procura a casa do poeta conimbricense, situada junto ao monumento a Camões, muito próximo da Universidade. Na sua velha residência solarenga, na Alta da cidade que viria a ser vítima do camartelo salazarista, destruindo todo esse património arquitectónico e vivencial, único no seu encanto vetusto, no dizer de Jorge de Sena, Eugénio de Castro propõe a Unamuno que abandone Salamanca e se refugie na cidade do Mondego. São dois poetas a confessarem a solidão existencial que os viria a matar e a partilharem-na, dramaticamente. Unamuno, igual a si próprio, ergueu a lança de Quixote e, perante o convite, respondeu, galhardamente, ao seu velho amigo: – Não, nunca fugirei!

*Carlos Carranca\**

---

\* Vd. *supra*: 288.